

**PROGRAMAÇÃO E RESUMOS DO NÚCLEO DE PESQUISA EM FONÉTICA E
FONOLOGIA APLICADA À LÍNGUA ESTRANGEIRA (NUPFFALE)**

Comissão organizadora:
Maria Lucia de Castro Gomes
Andressa Brawerman Albini
Marcia Regina Becker
Jeniffer Albuquerque
Ana Maria Martins
Ana Paula Petriu Ferreira Engelbert
Gustavo Nishida

Sumário

PROGRAMAÇÃO.....	1
CRONOGRAMA DE PALESTRAS.....	2
CRONOGRAMA DE COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS.....	2
<i>Tabela 1.....</i>	<i>2</i>
<i>Tabela 2.....</i>	<i>3</i>
<i>Tabela 3.....</i>	<i>4</i>
<i>Tabela 4.....</i>	<i>5</i>
<i>Tabela 5.....</i>	<i>6</i>
<i>Tabela 6.....</i>	<i>7</i>
RESUMOS DAS PALESTRAS.....	8
1 Aquisição fonético-fonológica do português como língua estrangeira: temas de pesquisa e questões de investigação – Ubiratã Kickhöfel Alves (UFRGS-CNPq).....	8
2 Desconstruindo alguns mitos sobre o ensino da pronúncia em L2 - Rosane Silveira (UFSC/CNPQ).....	8
3 Proposta de ferramenta para o ensino do acento primário do PB para falantes nativos de Kreyòl – Adelaide H.P. Silva (UFPR/DELLIN).....	9
4 Testes de percepção de fala: elaboração, cuidados e implicações metodológicas – Denise Cristina Kluge (UFPR).....	10
RESUMOS DA COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS.....	11
1 A emergência do VOT do inglês por brasileiros em contexto de L2 dominante – Felipe Flores Kupske (Unochapecó); Ubiratã Kickhöfel Alves (UFRGS/CNPq).....	11
2 A inteligibilidade do VOT de falante brasileiro de ILE na interação com um software de reconhecimento de fala – Anna Cristina Baratieri (UFPR); Denise Cristina Kluge (UFPR).....	11
3 A percepção do morfema -ed em verbos do inglês no passado regular: um estudo longitudinal – Bruna Nóbile Fracaro (UTFPR); Carolina Laurino Rossini (UTFPR); Andressa Brawerman Albini (UTFPR).....	12
4 A produção da vogal átona final [e] por porto-alegrenses aprendizes de espanhol como língua estrangeira: uma investigação sobre a direcionalidade da transferência linguística – Bruna da Rosa de Los Santos (UFRGS/CAPES); Ubiratã Kickhöfel Alves (UFRGS/CNPq).....	13
5 A transferência vocálica em falantes de espanhol (L1), inglês (L2) e português (L3): uma proposta dinâmica – Leticia Pereyron (UFRGS/CAPES); Ubiratã Kickhöfel Alves (UFRGS/CNPq).....	14
6 A vibrante múltipla do espanhol madrileno produzida por um falante como L1 e outro falante como L2 - Pollianna Milan (UFPR); Denise Cristina Kluge (UFPR).....	15
7 Aquisição da vogal do /a/ do espanhol por aprendizes brasileiros – Bruna Santana Dias Cavalheiro (UFPEL); Giovana Ferreira Gonçalves (UFPEL/CNPq); Mirian Rose Brum-de-Paula (UFPEL).....	16
8 Atrito linguístico: efeitos do inglês (l2) sobre os padrões de VOT (negativo e zero) do português de aprendizes em contexto de L1 dominante – Laura Castilhos Schereschewsky (UFRGS); Ubiratã Kickhöfel Alves (UFRGS/CNPq).....	16
9 Brazilian Portuguese EFL learners' sensitivity to L2 phonotactic violations – Hanna Kivistö-de Souza (Universitat de Barcelona).....	17
10 Dispersão e Variabilidade vocálica em português brasileiro e inglês britânico: um estudo de caso – Adriana S. Marusso (UFOP).....	18
11 Efeitos do treinamento perceptual na identificação e produção de plosivas surdas iniciais do inglês por aprendizes porto-alegrenses – Felipe Kampff (UFRGS – CNPq); Ubiratã Kickhöfel Alves (UFRGS/CNPq).....	19
12 Interfonologia: análise acústica-interlinguística das produções das vogais altas anteriores arredondadas do alemão padrão por falantes nativas do português brasileiro (PB) – Mágat Nágelo Junges (UFSC).....	20
13 Interpretations of Nuclear Stress Assignment by Brazilian Speakers of English – Leonice Passarella dos Reis (UFSC/EAMSC); Rosane Silveira (UFSC/CNPQ).....	21
14 O efeito da experiência do ouvinte e do tipo de meio na compreensibilidade de excertos do português brasileiro produzidos por um falante haitiano – Jeniffer Imaregna Alcantara de Albuquerque (UFRGS/UTFPR); Ubiratã Kickhöfel Alves (UFRGS/CNPq).....	21

15 O ensino de pronúncia no núcleo de língua inglesa do programa Idiomas Sem Fronteiras (núcleo inglês ISF) da UFPR: análise da perspectiva dos professores – Camila Haus (UFPR); Denise Kluge (UFPR).....	22
16 Os efeitos de um treinamento de percepção na aquisição dos heterotônicos do espanhol por professores e estudantes brasileiros – Pollianna Milan (UFPR); Denise Cristina Kluge (UFPR).....	23
17 Percepção da qualidade de voz em bilíngues.....	24
18 Que inglês ensinamos? A visão de professores de uma escola de inglês em relação à dicotomia inglês como Língua Estrangeira x inglês como Língua Franca – Simone Cristina de Jesus (UTFPR); Andressa Brawerman Albini (UTFPR).....	25
19 Uma discussão sobre a teoria de base fonológica e a perspectiva realista da percepção de sons em uma língua não nativa: reflexões a partir do PAM-L2 – Reiner Vinicius Perozzo (UFRGS/CAPES); Ubiratã Kickhöfel Alves (UFRGS/CNPq).....	25
20 Verbos regulares do inglês no passado produzidos por falantes nativos e não-nativos – Fernanda Delatorre (UFSC); Rosane Silveira (UFSC).....	26

PROGRAMAÇÃO

Dia 12/05/2016 – Quinta-feira		
Horário	Atividade	Responsável
8:30 – 9h	Abertura	
9h – 9:45	Palestra	Prof ^a . Dr ^a . Denise Kluge (UFPR)
9:45 – 10h	Intervalo	
10h – 12h	Comunicações individuais	TABELA 1
12h – 13:30	Almoço	
13:30 – 15:30	Comunicações individuais	TABELA 2
15:30 – 15:45	Intervalo	
15:45 – 17:45	Comunicações individuais	TABELA 3
17:45 – 18:30	Palestra	Prof ^a . Dr ^a . Rosane Silveira (UFSC)

Dia 13/05/2016 – Sexta-feira		
Horário	Atividade	Responsável
9h – 9:45	Palestra	Prof ^a . Dr ^a . Adelaide H.P. Silva (UFPR)
9:45 - 10h	Intervalo	
10h – 12h	Comunicações individuais	TABELA 4
12h – 13:30	Almoço	
13:30 – 15:30	Comunicações individuais	TABELA 5
15:30 – 15:45	Intervalo	
15:45 – 16:45	Comunicações individuais	TABELA 6
16:45 – 17:30	Conferência	Prof. Dr. Ubiratã Kickhöfel Alves (UFRGS)

CRONOGRAMA DE PALESTRAS

DATA	HORÁRIO	COMUNICAÇÃO	AUTOR
12/05/2016	9h – 9:45	Testes de percepção de fala: elaboração, cuidados e implicações metodológicas	Prof ^a . Dr ^a . Denise Kluge (UFPR)
12/05/2016	17:45 – 18:30	Desconstruindo alguns mitos sobre o ensino da pronúncia em L2	Prof ^a . Dr ^a . Rosane Silveira (UFSC)
13/05/2016	9h – 9:45	Proposta de ferramenta para o ensino do acento primário do PB para falantes nativos de Kreyòl	Prof ^a . Dr ^a . Adelaide H.P. Silva (UFPR)
13/05/2016	16:45 – 17:30	Aquisição fonético-fonológica do português como língua estrangeira: temas de pesquisa e questões de investigação	Prof. Dr. Ubiratã Kichhöfel Alves (UFRGS)

CRONOGRAMA DE COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS

Tabela 1

DATA	HORÁRIO	AUTOR	COMUNICAÇÃO	DEBATEDORES
12/05/2016	10h – 10:30	Ana Paula Petriu Ferreira Engelbert	Percepção da qualidade de voz em bilíngues	Ubiratã Kichhöfel Alves
12/05/2016	10:30 – 11h	Anna Cristina Baratieri; Denise Cristina Kluge	A inteligibilidade do vot de falante brasileiro de ILE na interação com um software de reconhecimento de fala	Marcia Regina Becker
12/05/2016	11h – 11:30	Laura Castilhos Schereschewsky; Ubiratã Kichhöfel Alves	Atrito linguístico: efeitos do inglês (L2) sobre os padrões de vot (negativo e zero) do português de aprendizes em contexto de L1 dominante	Rosane Silveira Ana Paula Petriu Ferreira Engelbert
12/05/2016	11:30 – 12h	Felipe Flores Kupske; Ubiratã Kichhöfel Alves	A emergência do VOT do inglês por brasileiros em contexto de L2 dominante	

<p><i>Tabela 2</i></p>

DATA	HORÁRIO	AUTOR	COMUNICAÇÃO	DEBATEDORES
12/05/2016	13:30 – 14h	Felipe Kampff; Ubiratã Kickhöfel Alves	Efeitos do treinamento perceptual na identificação e produção de plosivas surdas iniciais do inglês por aprendizes porto-alegrenses	Denise Kluge Andressa Brawerman Albini
12/05/2016	14h – 14:30	Leonice Passarella dos Reis); Rosane Silveira	Interpretations of Nuclear Stress Assignment by Brazilian Speakers of English	
12/05/2016	14:30 – 15h	Adriana S. Marusso	Dispersão e Variabilidade vocálica em português brasileiro e inglês britânico: um estudo de caso	Ana Paula Petriu Ferreira Engelbert
12/05/2016	15h – 15:30	Camila Haus; Denise Kluge	O ensino de pronúncia no núcleo de língua inglesa do programa idiomas sem fronteiras (nucli inglês ISF) da UFPR: análise da perspectiva dos professores	Ana Maria Martins

Tabela 3

DATA	HORÁRIO	AUTOR	COMUNICAÇÃO	DEBATEDORES
12/05/2016	15:45 – 16:15	Hanna Kivistö-de Souza	Brazilian Portuguese EFL learners' sensitivity to L2 phonotactic violations	Maria Lúcia de Castro Gomes
12/05/2016	16:15 – 16:45	Fernanda Delatorre; Rosane Silveira	Verbos regulares do inglês no passado produzidos por falantes nativos e não-nativos	Jeniffer Albuquerque

Tabela 4

DATA	HORÁRIO	AUTOR	COMUNICAÇÃO	DEBATEDORES
13/05/2016	10h – 10:30	Bruna Nóbile Fracaro; Carolina Laurino Rossini; Andressa Brawerman Albini	A percepção do morfema -ed em verbos do inglês no passado regular: um estudo longitudinal	Denise Kluge
13/05/2016	10:30 – 11h	Simone Cristina de Jesus; Andressa Brawerman Albini	Que inglês ensinamos? A visão de professores de uma escola de inglês em relação à dicotomia inglês como Língua Estrangeira x inglês como Língua Franca.	Maria Lúcia de Castro Gomes
13/05/2016	11h – 11:30	Jeniffer Imaregna Alcantara de Albuquerque; Ubiratã Kickhöfel Alves	O efeito da experiência do ouvinte e do tipo de meio na compreensibilidade de excertos do português brasileiro produzidos por um falante haitiano	Rosane Silveira
13/05/2016	11:30 – 12h	Bruna da Rosa de Los Santos; Ubiratã Kickhöfel Alves	A produção da vogal átona final [e] por porto-alegrenses aprendizes de espanhol como língua estrangeira: uma investigação sobre a direcionalidade da transferência linguística	Marcia Regina Becker

Tabela 5

DATA	HORÁRIO	AUTOR	COMUNICAÇÃO	DEBATEDORES
13/05/2016	13:30 – 14h	Leticia Pereyron; Ubiratã Kickhöfel Alves	A transferência vocálica em falantes de espanhol (L1), inglês (L2) e português (L3): uma proposta dinâmica	Adelaide H.P Silva
13/05/2016	14h – 14:30	Pollianna Milan; Denise Cristina Kluge	A vibrante múltipla do espanhol madrilenho produzida por um falante como l1 e outro falante como l2	Gustavo Nishida
13/05/2016	14:30 – 15h	Pollianna Milan; Denise Cristina Kluge	Os efeitos de um treinamento de percepção na aquisição dos heterotônicos do espanhol por professores e estudantes brasileiros	Ubiratã Kickhöfel Alves Andressa Brawerman Albini
13/05/2016	15h – 15:30	Bruna Santana Dias Cavalheiro; Giovana Ferreira Gonçalves; Mirian Rose Brum- de-Paula	Aquisição da vogal do /a/ do espanhol por aprendizes brasileiros	

Tabela 6

DATA	HORÁRIO	AUTOR	COMUNICAÇÃO	DEBATEDORES
13/05/2016	15:45 – 16:15	Reiner Vinicius Perozzo; Ubiratã Kickhöfel Alves	Uma discussão sobre a teoria de base fonológica e a perspectiva realista da percepção de sons em uma língua não nativa: reflexões a partir do PAM-L2	Adelaide H.P. Silva
13/05/2016	16:15 – 16:45	Márgat Nágelo Junges	Interfonologia: análise acústica-interlinguística das produções das vogais altas anteriores arredondadas do alemão padrão por falantes nativos do português brasileiro (PB)	Gustavo Nishida

RESUMOS DAS PALESTRAS

1 **Aquisição fonético-fonológica do português como língua estrangeira: temas de pesquisa e questões de investigação – Ubiratã Kickhöfel Alves (UFRGS-CNPq)**

Nesta apresentação, visamos a discutir as principais questões de discussão da área de Aquisição Fonético-Fonológica de Língua Estrangeira. Ao apresentarmos as pesquisas desenvolvidas pelos membros do NUPFFALE afiliados à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, realizaremos um perpassar pelos principais temas de interesse deste campo de estudo, em nosso país, nos últimos cinco anos. Nossa apresentação será voltada, neste âmbito, a estudos de percepção e produção dos sons da LE, a trabalhos que se voltem à verificação da inteligibilidade, compreensibilidade e grau de acento em língua estrangeira, e a pesquisas sobre os efeitos de práticas como a instrução explícita e o treinamento perceptual dos sons da L2. A partir destes três eixos, em um segundo momento, focalizaremos os estudos em Aquisição de Português como Língua Estrangeira (PLE), desenvolvidos no contexto de nosso grupo. Intencionamos discutir a grande gama de temas e questões de pesquisa, acerca da aquisição do PLE, que ainda carecem de investigação. Por fim, a título de exemplo, apresentamos as etapas iniciais de um projeto de pesquisa, iniciado em março deste ano, sobre os efeitos da instrução explícita voltada a aprendizes hispânicos. No âmbito deste projeto, finalizamos nossa apresentação discutindo a elaboração de um manual comunicativo de pronúncia (ALVES, BRISOLARA & PEROZZO, 2016), destinado a este público-alvo. Esperamos, com esta apresentação, instigar os pesquisadores para a investigação do PLE, que corresponde a um grande e instigante nicho de pesquisas, ainda praticamente inexplorado no contexto brasileiro de investigações.

Palavras-chave: Português como Língua Estrangeira; Percepção e Produção dos Sons; Ensino Comunicativo de Pronúncia; Inteligibilidade, Compreensibilidade e Grau de Acento.

2 **Desconstruindo alguns mitos sobre o ensino da pronúncia em L2 - Rosane Silveira (UFSC/CNPQ)**

Nesta apresentação, o foco será no status do ensino da pronúncia em L2. Como profissionais envolvidos com a formação de professores de língua, enfrentamos

constantemente os questionamentos sobre a validade de se ensinar a pronúncia da L2. No centro deste debate está uma atitude negativa quanto ao ensino da pronúncia como sendo um instrumento de controle do idioma, de supervalorização do modelo do falante nativo ideal, de opressão do aprendiz de línguas a quem é vedado o direito de manter características identitárias expressas no seu sotaque. Mas por que o ensino da pronúncia adquiriu essa má reputação? Procuraremos refletir sobre como a pronúncia em L2 tem sido abordada nas salas de aula brasileiras e nas pesquisas conduzidas no Brasil. Defenderemos o ponto de vista de que o componente sonoro da L2 deve ser contemplado de maneira integrada no currículo de inglês e na sala de aula, assim como os demais componentes de uma língua (ex.: gramática, vocabulário, estratégias de aprendizagem). Aprender uma língua também envolve saber sobre os sons que a constituem, sobre as variações desses sons e suas combinações, sobre padrões acentuais, sobre entonação. Isso não implica em forçar os aprendizes a incorporar um determinado nível de pronúncia, mas em auxiliá-los na conscientização de que os sistemas sonoros da L1 e da L2 diferem em alguns aspectos, e que alguns desses podem ser mais relevantes para obter uma comunicação bem sucedida com outros usuários da mesma L2, quer sejam eles falantes nativos ou não do idioma. Enfim, não sonegar informações sobre o funcionamento dos elementos essenciais da fala em L2 permite que os aprendizes suas escolhas de maneira informada sobre como desejam falar esse idioma. Portanto, defendemos a ideia de que o ensino da pronúncia em L2 dá ao aprendiz ferramentas adicionais para que ele possa se tornar mais autônomo no processo de aprendizagem da L2.

Palavras-chave: Ensino da Pronúncia; Currículo de Inglês; Fala em L2.

3 Proposta de ferramenta para o ensino do acento primário do PB para falantes nativos de Kreyòl – Adelaide H.P. Silva (UFPR/DELLIN)

O Projeto Português Brasileiro para Migração Humanitária (PBMIH) da UFPR acolhe, entre outros, migrantes haitianos, e oferece-lhes aulas de língua portuguesa como uma maneira de possibilitar sua inserção social. Um dos aspectos abordados nas aulas de língua portuguesa é a pronúncia. No caso específico dos falantes nativos de kreyòl (nome que os próprios haitianos dão à sua língua materna), observou-se desde o início a necessidade de tratar o acento primário. Tal necessidade advém de uma diferença crucial entre as duas línguas: no PB, o acento carrega diferenças de sentido – como, e.g., em [‘ka.kI] (cáqui) e

[ka.'ki] (caqui) - e diferenças morfológicas, como a de tempo verbal – e.g. [kã.'ta.rãw] (3a. pessoa plural, pretérito perfeito) e [kã.ta.'rãw] (3a. pessoa plural, futuro do presente). Por outro lado, no kreyòl o acento é previsível e, a exemplo do francês, recai sobre a última sílaba da palavra. Como os haitianos tendem a transferir o padrão acentual de sua língua materna para o PB, muitas vezes não realizam o acento conforme o esperado por um falante nativo de PB. Então, partindo de uma descrição comparativa entre o acento primário do PB e o acento primário do kreyòl, elaborou-se uma ferramenta para trabalhar com os haitianos a produção do acento primário das palavras do PB onde é esperado. Utilizando a instrução explícita sobre o padrão acentual no PB, a ferramenta foi testada com dois grupos – um exposto à ferramenta e outro não - e o teste parece confirmar a eficiência da ferramenta. O propósito desta apresentação, portanto, é apresentar e discutir a ferramenta elaborada.

Palavras-chave: português brasileiro; kreyòl; gramática comparada; padrão acentual; ensino

4 Testes de percepção de fala: elaboração, cuidados e implicações metodológicas – Denise Cristina Kluge (UFPR)

Estudos na área de Fonética e Fonologia têm elaborado testes de percepção de sons nativos e não nativos a fim de investigar a percepção (identificação e/ ou discriminação) de aspectos segmentais e suprasegmentais por falantes nativos e não nativos. Estudos de percepção de fala também têm investigado os efeitos de um treinamento perceptual, bem como de pistas auditivas e audiovisuais na percepção de sons nativos e não nativos. Levando em conta o contexto destes estudos, esta comunicação visa discutir os cuidados e as implicações metodológicas na elaboração de testes de percepção de fala em estudos que investigam prosódia, aquisição de uma língua estrangeira, inteligibilidade, entre outros.

Palavras-chave: percepção de fala, elaboração de testes de percepção de fala.

RESUMOS DA COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS

1 **A emergência do VOT do inglês por brasileiros em contexto de L2 dominante – Felipe Flores Kupske (Unochapecó); Ubiratã Kickhöfel Alves (UFRGS/CNPq)**

Este trabalho busca analisar dados do desenvolvimento do VOT do inglês-L2 por imigrantes gaúchos residentes em Londres, em função do tempo de residência (TR), tendo como base teórica a visão da linguagem como um Sistema Adaptativo Complexo (BECKNER et al. 2009). Para tanto, explorou-se a produção de plosivas surdas do inglês-L2 em posição inicial de palavra de vinte e dois participantes, com idades entre 18-40 anos: imigrantes brasileiros que viviam em Londres por períodos de tempo variados (chegada a Londres com idade maior a 18 anos) e monolíngues do inglês londrino. Os alvos foram apresentados na frase “I would say___” e foram gravados aleatoriamente três vezes por cada participante. Os resultados apontam que falantes com um TR entre zero e três anos diferem dos controles do inglês ($p < 0,05$) para todas as três plosivas surdas. Imigrantes com TR entre quatro e sete anos também diferem dos controles ($p < 0,05$) para [p] e [t], mas não para [k] ($p > 0,05$). Aqueles que residem em Londres entre oito e onze anos não apresentaram diferenças em relação aos monolíngues do inglês britânico ($p > 0,05$), e apresentaram os maiores valores médios de VOT. Esses resultados dão suporte empírico à visão complexa da linguagem, descrevendo-a como um sistema aberto a novos estímulos e padrões, contrariando, também, a tese de que a capacidade humana para a aquisição da oralidade é restringida por um período crítico. Além disso, sinaliza que as capacidades necessárias para a aquisição de uma L1 são preservadas por toda a vida e permanecem acessíveis para a L2, é claro, sem desconsiderarmos os possíveis efeitos das diferentes idades de início de aquisição.

Palavras-chave: Emergência, imigração, VOT, sistemas adaptativos complexos.

2 **A inteligibilidade do VOT de falante brasileiro de ILE na interação com um software de reconhecimento de fala – Anna Cristina Baratieri (UFPR); Denise Cristina Kluge (UFPR)**

É cada vez mais corriqueiro o uso de aplicativos de reconhecimento de fala na realização de tarefas do dia-a-dia, como os disponíveis para uso em aparelhos celulares e em computadores. Apesar de haver uma preocupação das empresas que mantêm esses aplicativos em coletar dados de fala compatíveis com seus usuários, os desenvolvedores dos aplicativos

de reconhecimento de fala parecem não levar em conta os falantes não-nativos dos idiomas disponíveis, conforme afirmam Othero e Menuzzi (2005), mesmo sabendo-se que o número de falantes não nativos de Inglês chega a uma proporção de 2 por 1 (CRYSTAL, 1992), por exemplo. Podendo essa relação ser igualmente estabelecida quanto ao número de usuários não nativos dos aplicativos disponíveis, entende-se, portanto, como fundamental estudos que reportem com que eficácia os recursos informáticos podem ser utilizados por falantes de ILE. A presente investigação, então, debruça-se sobre os aspectos fonéticos envolvidos na inteligibilidade do falante de ILE para o aplicativo de reconhecimento de fala VoiceNoteII, da Google. Mais especificamente, a inteligibilidade do VOT produzido por brasileiros aprendizes de ILE na interação com este software. Para tal, foi selecionado um grupo de participantes estudantes de escola de idiomas de Curitiba com, pelo menos, nível B1 de proficiência em Inglês. As palavras-alvo dos testes foram escolhidas com base no vocabulário abordado no material didático usado pela escola e os participantes responderam a um experimento de familiaridade e a um de produção. Além disso, participantes nativos-americanos participaram de um experimento de reconhecimento de fala para que pudesse ser feita a triangulação dos dados.

Palavras-chave: inteligibilidade; fonética; Voice Onset Time; software.

3 A percepção do morfema -ed em verbos do inglês no passado regular: um estudo longitudinal – Bruna Nóbile Fracaro (UTFPR); Carolina Laurino Rossini (UTFPR); Andressa Brawerman Albini (UTFPR)

No processo de aprendizagem de uma língua estrangeira (L2), o aprendiz depara-se com sons que pertencem a um inventário diferente daquele de sua língua materna (L1). Devido a essa diferença, o aprendiz pode encontrar dificuldades em perceber como esses sons são pronunciados na L2. Com base nesse cenário, a pesquisa relatada neste resumo buscou investigar a percepção das diferentes pronúncias do morfema -ed (/t/, /d/, /ɪd/) no final de verbos regulares do inglês no passado por aprendizes brasileiros do idioma ao longo de três semestres de um curso de Letras. Para tanto, foram realizados três testes de discriminação e de identificação. No primeiro teste, os alunos haviam recebido 150 horas de instrução formal em língua inglesa. O teste foi reaplicado com intervalos semestrais, sendo que na segunda aplicação os alunos haviam recebido 300 horas de instrução do idioma, e, na terceira aplicação, 450 horas. Trata-se, portanto, de um estudo de caráter longitudinal. Buscou-se

verificar qual dos tipos de teste (discriminação ou identificação) e qual pronúncia do morfema gerou mais facilidade e mais dificuldade para os participantes. Além disso, investigou-se se houve mudança nos resultados no decorrer dos três semestres em que os testes foram realizados.

Palavras-chave: Língua inglesa; verbos regulares; morfema -ed; percepção; longitudinal

4 A produção da vogal átona final [e] por porto-alegrenses aprendizes de espanhol como língua estrangeira: uma investigação sobre a direcionalidade da transferência linguística – Bruna da Rosa de Los Santos (UFRGS/CAPES); Ubiratã Kickhöfel Alves (UFRGS/CNPq)

Partindo-se de uma concepção dinâmica de língua (DE BOT et al., 2013; BECKNER et al., 2009), o projeto de pesquisa da primeira autora, apresentado neste resumo e vinculado ao Mestrado em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), tem a finalidade de investigar a produção da vogal átona final [e] por aprendizes de Espanhol01 ano de experiência; Grupo 2 = 04 anos de experiência). A produção da vogal átona final [e] se dá de forma distinta entre o Português Brasileiro (PB) e o Espanhol, já que, no dialeto porto-alegrense do PB, falado pelos participantes deste trabalho, observa-se a produção de tal vogal como alta - ex: cab[i], sob[i] - (BATTISTI & VIEIRA, 2005; CÂMARA Jr., 1970; VIEIRA, 2002), enquanto que no Espanhol, embora o fenômeno seja evidenciado em poucas variedades por influências indígenas (LIPSKI, 2007; REAL ACADÉMIA ESPAÑOLA, 2011), o mesmo não constitui uma das características fonéticas mais salientes da língua, tampouco ocorrendo na variedade rio-platense, variedade com a qual os aprendizes gaúchos têm mais contato. Nossos objetivos são: (i) verificar se os aprendizes de Espanhol fazem uma distinção, estatisticamente significativa em suas produções, entre a vogal átona final [e] do PB e a do Espanhol quanto a seus padrões acústicos; (ii) observar se, com o aumento do tempo de exposição à LE, os valores acústicos, em ambas as línguas dos bilíngues, se modificam; e (iii) investigar se as produções da vogal átona final [e] dos aprendizes, em PB e em Espanhol, diferem das produções dos monolíngues nas respectivas línguas. A partir destes dados, discutiremos o que estes resultados podem sugerir sobre a direcionalidade da transferência linguística e a dinamicidade nas produções dos bilíngues no decorrer do desenvolvimento da LE.

Palavras-chave: Espanhol como LE; vogal átona final [e]; descrição acústica; transferência linguística.

5 A transferência vocálica em falantes de espanhol (L1), inglês (L2) e português (L3): uma proposta dinâmica – Leticia Pereyron (UFRGS/CAPES); Ubiratã Kickhöfel Alves (UFRGS/CNPq)

O presente trabalho visa a investigar, à luz da Teoria dos Sistemas Dinâmicos, a (multi) direcionalidade da transferência vocálica em falantes de espanhol (L1), inglês (L2) e português (L3). Conduziu-se um estudo transversal que contou com cinco grupos. O primeiro grupo foi formado por falantes de espanhol (L1), inglês (L2) e português (L3); o segundo grupo, por falantes de espanhol (L1) e português (L2), o que possibilitou a verificação do papel do inglês no desenvolvimento do português por falantes de espanhol, quando as vogais do português (L2) desses aprendizes foram comparadas com as dos aprendizes do grupo anterior. O terceiro grupo foi composto por falantes de espanhol (L1) e inglês (L2), residentes na Argentina. A comparação das vogais do inglês (L2) dos participantes do grupo 3, que não possuem o português (L3), com as vogais em inglês (L2) dos participantes do grupo 1 possibilitou a análise quanto ao papel da L3 sobre a L2, em termos de valores formânticos e duração. O quarto e o quinto grupo formam os grupos-controle, constituídos por falantes monolíngues de espanhol, residentes na Argentina, e por monolíngues do PB, residentes em Porto Alegre, de modo a proverem os valores formânticos e durações referentes às vogais do sistema-materno e do sistema-alvo, respectivamente.

Os resultados aqui encontrados, em consistência com a Teoria dos Sistemas Dinâmicos Complexo-Adaptativos (BECKNER, 2009; DE BOT et al. 2013), indicam que a fala dos participantes se encontra em constante mudança, de modo a sofrer múltiplas alterações devido à interação com os demais sistemas. Além disso, as realizações vocálicas encontradas neste experimento não parecem mais refletir fielmente a L1 dos sujeitos, e tampouco se mostram idênticas às formas da língua-alvo, uma vez que se caracterizam como formas híbridas, que mesclam características de ambos os sistemas e também de outros fatores (linguísticos e ‘extra-linguísticos’) envolvidos.

Palavras-chave: Multilinguismo, aquisição trilingue, transferência, sistemas dinâmicos.

6 **A vibrante múltipla do espanhol madrilenho produzida por um falante como L1 e outro falante como L2 - Pollianna Milan (UFPR); Denise Cristina Kluge (UFPR)**

Este trabalho apresenta um estudo experimental preliminar sobre a produção da vibrante múltipla do espanhol, na variedade dialetal de Madri, produzida por um falante de espanhol como L1 e um falante de espanhol como L2. A hipótese seria a de que o falante de espanhol como L2 teria dificuldades para produzir o /r/ vibrante, visto que em sua língua materna, o português brasileiro, este som está em desuso. Porém, o que percebemos é que o falante de L2 produziu com sucesso e sem maiores dificuldades esta vibrante. Por outro lado, o que nos surpreendeu foi perceber, nos dados, que o falante madrilenho (L1) não tem produzido este rótico de acordo com o que aponta a literatura. Este som, quando falado pelo madrilenho, ao invés de ser um /r/ vibrante, tem apresentado características de tap ou de fricativa.

Como nossos resultados nos surpreenderam, novos estudos a este respeito já estão em andamento. Nos meses de dezembro de 2013 e janeiro de 2014 gravamos os mesmos enunciados com outros cinco madrilenhos, estes últimos que nunca estiveram no Brasil, e outros dois brasileiros que falam espanhol L2. A partir de uma análise preliminar dos dados, podemos afirmar que estes outros cinco madrilenhos também não produzem sistematicamente a vibrante múltipla onde era esperado por nós, ou seja, pode estar ocorrendo no espanhol de Madri o que já vem ocorrendo nas variedades dialetais do espanhol de outros países, principalmente da América Latina, que é uma assibilação do /r/ vibrante ou, ainda, sua fricativação.

Já os outros dois brasileiros gravados posteriormente, que falam espanhol como L2, também demonstraram não ter maiores dificuldades para produzir a vibrante múltipla, com mais de duas aberturas orais, tal como a literatura da área a descreve para a língua espanhola na variedade de Madri.

Palavras-chave: fonética-acústica; vibrante múltipla do espanhol de Madri; análise contrastiva; espanhol como L1 e L2.

7 Aquisição da vogal do /a/ do espanhol por aprendizes brasileiros – Bruna Santana Dias Cavalheiro (UFPEL); Giovana Ferreira Gonçalves (UFPEL/CNPq); Mirian Rose Brum-de-Paula (UFPEL)

Este trabalho é dedicado à aquisição da vogal /a/ da língua espanhola por aprendizes de português brasileiro (PB). Se, por um lado, a proximidade tipológica parece garantir a aquisição global do sistema estrangeiro, por outro, tende a levar o aprendiz a negligenciar as diferenças entre o espanhol e o PB. Assim, busca-se: (i) caracterizar acusticamente a vogal [a] da língua espanhola e da língua portuguesa falada no sul do Brasil; (ii) identificar diferenças da vogal [a] nas referidas línguas; (iii) verificar se há interferência do português na produção da vogal [a] espanhola. Foram considerados os dados de oito sujeitos, sendo seis brasileiros, aprendizes de espanhol como língua estrangeira, um falante nativo de espanhol e um monolíngue de português. As coletas orais foram realizadas em uma cabine acústica, com a utilização de um gravador digital, modelo Zoom H4N. Os informantes nomearam imagens que viam na tela de um computador, inserindo as palavras em uma frase veículo. As figuras foram selecionadas, formando dois grupos, um constituído por palavras cognatas português/espanhol, outro por palavras não-cognatas em ambas as línguas. Considerou-se a vogal /a/ somente em sílabas tônicas e átonas abertas. Como contexto antecedente, as seis consoantes plosivas. A análise acústica – medidas de duração e frequências formânticas – foi realizada por meio do programa Praat, versão 5.3.82. Os resultados apontam diferenças entre a vogal [a] do PB e a vogal [a] do espanhol residem em medidas de duração. Enquanto, no português, a vogal baixa apresenta duração expressiva em sílaba tônica, contrapondo-se à duração mais reduzida em sílaba átona, no espanhol, tal diferença não é detectada na mesma magnitude. Os aprendizes brasileiros de espanhol como L2 apresentam, então, dificuldades na realização da vogal [a] com os mesmos padrões de duração da vogal do espanhol, pois tendem, assim como fazem para o português, a manter uma maior duração vocálica em sílabas tônicas.

Palavras-chave: aquisição do espanhol; vogais; análise acústica

8 Atrito linguístico: efeitos do inglês (l2) sobre os padrões de VOT (negativo e zero) do português de aprendizes em contexto de L1 dominante – Laura Castilhos Schereschewsky (UFRGS); Ubiratã Kickhöfel Alves (UFRGS/CNPq)

Partindo de uma visão de linguagem como um Sistema Adaptativo Complexo (CAS) (BECKNER et al., 2009; DE BOT et al., 2013), este trabalho propõe uma discussão sobre o

atrito linguístico exercido pela L2 sobre a L1. Tal questão foi estudada, sobretudo, em Kupske (2016), que investigou o atrito das oclusivas iniciais do português por brasileiros imigrantes, residentes em Londres. Seguindo-se a linha desse trabalho, no presente estudo, verificamos possíveis efeitos de atrito no português entre aprendizes de inglês residentes no Brasil. Analisamos o VOT (Voice Onset Time) de plosivas bilabiais e velares, tanto surdas como sonoras, em posição inicial de palavra do português brasileiro (PB). Participaram do estudo 33 sujeitos, residentes na cidade de Porto Alegre. Os participantes foram divididos em 3 grupos, sendo 11 monolíngues do PB, 11 aprendizes de proficiência intermediária e 11 aprendizes de proficiência avançada. Todos os participantes realizaram, individualmente, um teste de leitura de palavras do PB. Como resultados, testes ANOVA demonstraram uma diferença significativa entre os grupos no que diz respeito à consoante velar surda, sugerindo o atrito nesse segmento. Entretanto, no que concerne à consoante /p/ e aos segmentos sonoros, não foram encontradas diferenças significativas entre os três grupos. Os resultados, ainda que sugiram que o atrito se mostra menos comum em contextos de L1 dominante, permitem-nos não descartar a possibilidade de ocorrência de tal fenômeno, provendo evidências de que a língua é um sistema dinâmico sujeito a alterações, de modo que, em um contexto bilíngue, a transferência linguística possa ser bidirecional.

Palavras-chave: sistemas adaptativos complexos, atrito linguístico, voice onset time

9 Brazilian Portuguese EFL learners' sensitivity to L2 phonotactic violations – Hanna Kivistö-de Souza (Universitat de Barcelona)

This paper examined Brazilian Portuguese (BP) EFL learners' awareness on English phonotactics. American English (AmE) is more permissible with initial consonant clusters than BP, in which only a small set of two-member onset clusters is allowed. Previous research indicates that the perception (Cardoso, John, & French, 2009; Silveira, 2002) and production (Cardoso & Liakin, 2009; Rauber, 2006) of English onset clusters is challenging for L1 BP speakers. The aim of the present study was to examine BP EFL learners' sensitivity to AmE onset clusters. The participants were 71 L1 BP advanced EFL learners and 17 L1 AmE speakers. Awareness about AmE phonotactics was measured through response time and response accuracy in a timed lexical decision task containing nonword stimuli with legal and illegal onset clusters (e.g., “splan” vs. “zblan”). Response time was expected to decrease with

illegal nonwords due to the fast conclusion of the lexical search (Trapman & Kager, 2009). Results showed that although the L1 BP speakers responded significantly slower than the L1 AmE speakers ($F[1, 88]=27.16, p<.001; \eta^2 =.23$), they did not significantly differ from the L1 AmE speakers in terms of their sensitivity to phonotactic violations ($t[86]=.20, p=.83$). This was evidenced by their response time pattern: faster responses were awarded to illegal nonwords than to legal nonwords or to words ($F(2,69)=183.93, p<.001, \eta^2 =.84$). Furthermore, L1 BP speakers did not differ significantly from the L1 AmE speakers in the response accuracy to the illegal nonwords ($Z=-1.69, p=.09$). Taken together, the results suggest that advanced L1 BP EFL learners possess a fair amount of nonverbalizable knowledge about English phonotactics. Discussion of the findings centers on the challenges of transferring this knowledge into L2 pronunciation.

Keywords: phonological awareness; consonant clusters; L2 speech learning

10 **Dispersão e Variabilidade vocálica em português brasileiro e inglês britânico: um estudo de caso – Adriana S. Marusso (UFOP)**

Este trabalho discute o efeito do tamanho do inventário no espaço acústico de duas línguas com inventários vocálicos de tamanhos diferentes: português com sete e inglês com onze vogais orais. Para a comparação dos dois sistemas, foram escolhidas as sete vogais do inglês mais próximas das vogais do português em termos articulatórios, acústicos e auditivos. O estudo analisa acusticamente a variabilidade e dispersão vocálica nessas duas línguas à luz da Teoria de Dispersão Vocálica (LILJENCRANTS; LINDBLÖM, 1972). Essa teoria prevê que sistemas com um número maior de vogais apresentam menor variabilidade e as vogais tendem a ocupar posições mais periféricas. Entretanto, nos nossos dados verifica-se o contrário: a realização fonética das vogais do inglês apresenta maior variabilidade que as do português e sua distribuição no espaço vocálico é menos periférica, cobrindo uma área menor que as do português. Para ter certeza sobre essas observações, foram também medidas as outras quatro vogais do inglês que não tinham sido comparadas com as do português, completando dessa forma todo o sistema vocálico dessa língua, e o quadro observado previamente se manteve: há grande variabilidade vocálica com áreas pouco definidas para cada vogal e mesmo com o quadro completo das onze vogais não há expansão da área

ocupada. Nossos resultados se alinham com alguns trabalhos que questionam a comprovação empírica das predições da Teoria de Dispersão (Bradlow, 1995; Meunier et al., 2003; Recasens; Espinosa, 2009). Por outro lado, levanta-se a hipótese que os sistemas vocálicos do inglês e português estejam parcialmente instáveis atualmente, entretanto, a Teoria de Dispersão não captura esses fatos por estar mais pautada em fonemas estanques que em alofones variáveis. Futuramente, pretende-se analisar esses fatos através de uma abordagem teórica que entenda as línguas como sistemas dinâmicos e complexos (ELLIS; LARSEN-FREEMAN, 2009).

Palavras-chave: Dispersão vocálica; variabilidade vocálica; análise acústica.

11 Efeitos do treinamento perceptual na identificação e produção de plosivas surdas iniciais do inglês por aprendizes porto-alegrenses – Felipe Kampff (UFRGS – CNPq); Ubiratã Kickhöfel Alves (UFRGS/CNPq)

Na aquisição da fonologia de uma língua estrangeira, os aprendizes podem necessitar focar em algumas pistas acústicas que não desempenham um papel decisivo no estabelecimento das diferenças funcionais na sua L1. Como esta "sintonização" representa um desafio importante, tarefas de treinamento perceptual podem ter papel benéfico em orientar aprendizes para os aspectos fonéticos que são atentados pelos falantes nativos da língua alvo. Neste trabalho, investigamos a efetividade do treinamento perceptual, aplicado em aprendizes brasileiros (L1 = PT-BR), na percepção e produção de plosivas surdas do inglês em posição inicial. As sessões de treinamento, elaboradas a partir do software TP (Rauber et al., 2013), consistiram na apresentação de estímulos de fala natural e estímulos manipulados, visando a levar os aprendizes a focarem na presença ou falta do VOT positivo. Vinte e dois participantes foram divididos em dois grupos: (i) Grupo 1, cujos alunos participaram de três sessões de treinamento das plosivas iniciais da língua alvo; (ii) Grupo 2, que serviu como controle. Todos os participantes participaram de um Pré-Teste, um Pós-Teste (uma semana após a última sessão de treinamento) e um Pós-Teste Postergado, que foi feito um mês depois da última sessão. No Teste de Identificação administrado no Pré-Teste e nos dois Pós-Testes, aos aprendizes foram apresentados estímulos em palavras individuais, a partir dos quais eles eram solicitados a clicar no botão que indicava a consoante inicial da palavra ouvida (/p/, /t/, /k/, /b/, /d/, /g/). No teste de produção, também aplicado nas três etapas experimentais, os aprendizes eram solicitados a ler listas de palavras iniciadas pelos segmentos-alvo,

apresentadas, isoladamente, em slides de Powerpoint. Espera-se, com esse trabalho, não somente demonstrar os efeitos benéficos do treinamento na percepção dos sons da língua-alvo, mas o poder de tal prática ao possibilitar a generalização na produção de sons em LE.

Palavras-chave: Treinamento Perceptual; Pistas Acústicas; Voice Onset Time; English as a Foreign Language.

12 **Interfonologia: análise acústica-interlinguística das produções das vogais altas anteriores arredondadas do alemão padrão por falantes nativas do português brasileiro (PB) – Mágat Nágelo Junges (UFSC)**

Nesta dissertação de mestrado, investigou-se a produção de duas vogais do alemão padrão (AP) como língua estrangeira (doravante, LE). Essas vogais são foneticamente classificadas como altas anteriores arredondadas, quais sejam: a longa [ɔ̃] e a breve [ɔ], e elas não constam do sistema vocálico do português brasileiro (PB). Isto representou, assim, o primeiro indício de “perturbação” na aquisição dessa vogal como LE. O segundo investigou como falantes brasileiras do curso de graduação em Letras Alemão da UFSC, regularmente matriculadas nos níveis III, V e VII, produziram essa vogal. E o terceiro diz respeito a sua execução, isto é: Quais foram os fatores envolvidos na aquisição dessas duas vogais? O estudo, portanto, teve por objetivos: 1º Realizar um teste de produção com seis informantes, falantes nativas do português brasileiro (PB), graduandas regularmente matriculadas nos níveis de alemão (III, V e VII do semestre 2011/01; currículo 2007/01) do curso de Letras Alemão da Universidade Federal de Santa Catarina, e ainda com duas falantes nativas do AP; 2º Extrair os dados acústicos das suas produções através PRAAT; 3º Analisar F1, F2 e F3 no contexto de Interlíngua (IE) entre o AP e o PB; 4º Relacionar dois fatores extra-linguísticos, a saber: a motivação e a aptidão linguística. A base teórica empregada para a análise dos dados diz respeito à teoria da Interlíngua. A metodologia empregada constituiu-se de um teste de produção, um corpus lido apresentado em slides com 44 sentenças do AP, que estão segmentadas em 21 sentenças com a vogal longa e 23 com a vogal breve, além de 42 sentenças distratoras. A gravação ocorreu em duas salas do bloco CCE/UFSC, onde havia um microcomputador, ao qual estava conectado um fone de ouvido com microfone. Um questionário linguístico informativo e complementar também foi aplicado. Por fim, os resultados a que chegamos na pesquisa podem ter apresentado uma realidade de Interlíngua estabilizada e fossilizada entre os grupos investigados, de acordo com os dados acústicos

obtidos, além de o papel da motivacional também poder ter influenciado as suas produções.

Palavras-chave: Vogais altas anteriores arredondadas; Interlíngua; Fonética Acústica; Alemão como língua estrangeira.

13 Interpretations of Nuclear Stress Assignment by Brazilian Speakers of English – Leonice Passarella dos Reis (UFSC/EAMSC); Rosane Silveira (UFSC/CNPQ)

Research has revolved around the pronunciation features that are important to guarantee speech intelligibility by users of English as an international language (IL). A considerable body of research has addressed segments while studies investigating suprasegments are few and far between. In light of the proposition that unexpected nuclear stress placement may be one of the villains for communication breakdowns among speakers in the international community (Jenkins, 2000), the present study was set out to investigate the extent to which the unexpected placement of nuclear stress affects the way the intent of four Brazilian speakers of English is interpreted in face-to-face interactions with two Brazilian teachers of English and two Brazilian-advanced-level-speakers of English. Participants met in pairs and engaged in a pairwork interpretability task, which yielded the production of 160 audio-recorded utterances and 160 interpretations (made available by checking one out of three options in the interlocutors' sheet). The analysis of the dataset revealed that speakers had difficulties in placing the expected nuclear stress in the three sentence positions. Although it was found that two categories of unexpected nuclear stress placement did hinder the expected interpretation of the speakers' intent, mainly in interactions held with the teacher listeners, one category showed to cause little, if any, obstacles to reaching the expected interpretation.

Keywords: English; Nuclear stress; Communication.

14 O efeito da experiência do ouvinte e do tipo de meio na compreensibilidade de excertos do português brasileiro produzidos por um falante haitiano – Jeniffer Imaregna Alcantara de Albuquerque (UFRGS/UTFPR); Ubiratã Kickhöfel Alves (UFRGS/CNPq)

Este trabalho investiga o efeito da experiência de ouvintes brasileiros (com fala não-nativa) e do tipo de meio (áudio ou áudio-vídeo) na compreensibilidade de excertos do

Português Brasileiro produzidos por um aprendiz haitiano. As discussões apresentadas têm como base achados sobre a experiência de falantes nativos com fala estrangeira (FLEGE, 1995, DERWING & MUNRO, 2015), o conceito de compreensibilidade (DERWING & MUNRO, 2009; TROFIMOVICH & ISAACS, 2012) e aspectos relacionados à natureza multimodal da fala (FOWLER, 2010). O estudo piloto foi conduzido com dois grupos de participantes, com 20 participantes cada, sendo um composto por professores com experiência no ensino de português como língua adicional para haitianos (GP) e, o outro, por graduandos do curso de Letras Português-Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), esses últimos sem experiência com a fala, em língua portuguesa, dos estrangeiros (GA). A tarefa executada pelos participantes consistiu no julgamento sobre a compreensibilidade de 3 áudio-vídeos ou 3 áudios, a partir de uma escala de nove pontos, sendo 1 “muito fácil” e 9 “muito difícil” de compreender. Todos os excertos foram coletados em Curitiba e tiveram como locutor um falante haitiano, o qual residia na cidade há 1 ano e meio no momento de coleta dos dados. Entre os resultados estatísticos, testes Two-Way ANOVA inter-sujeitos demonstraram um efeito principal de experiência, $p = .018$, o que aponta para uma maior dificuldade na compreensão por parte do grupo GA do que GP. No entanto, não foi encontrado um efeito principal de tipo de meio, $p = .378$ e, também, não se verificou um efeito de interação entre as duas variáveis independentes (experiência e tipo de meio), $p = .190$. A partir dos resultados, propõe-se uma reflexão teórico-metodológica sobre teorias de percepção da fala, experimentos de compreensibilidade e a relação falante e ouvinte, ressaltando-se a necessidade de um refinamento metodológico do estudo realizado.

Palavras-chave: compreensibilidade; português para estrangeiros; haitianos; Experiência; multimodalidade da fala.

15 **O ensino de pronúncia no núcleo de língua inglesa do programa Idiomas Sem Fronteiras (núcleo inglês ISF) da UFPR: análise da perspectiva dos professores – Camila Haus (UFPR); Denise Kluge (UFPR)**

Em 2013, o Ministério da Educação criou o programa Idiomas sem Fronteiras (ISF) para ampliar o aprendizado de línguas nas universidades federais do Brasil através de aulas gratuitas e presenciais. Por ser recente, questões de como o processo de ensino-aprendizagem ocorre neste contexto estão sendo postas. Nesta pesquisa, o ponto que se levanta é o de qual seria a importância do ensino de pronúncia considerando o contexto do Núcleo de Língua

Inglesa (NucLi-Inglês) do IsF na Universidade Federal do Paraná (UFPR). O trabalho se apoia em um referencial teórico das áreas de fonética/fonologia, linguística aplicada e em pesquisas sobre metodologia do ensino de língua estrangeira. Alguns temas abordados são o mito do falante nativo, a inteligibilidade, inglês como língua internacional (ILI) e o inglês como língua franca (ILF). Para o levantamento preliminar destes pontos, a perspectiva dos professores do programa foi analisada com base em suas respostas a um questionário. Os resultados revelam que os professores não dominam certos conceitos; entretanto, o não uso de um modelo de falante nativo e a concepção de inteligibilidade estão presentes em seus discursos, possivelmente revelando que o ensino de pronúncia no NucLi-Inglês se dá baseado em um conceito de ILF. As implicações pedagógicas indicam a relevância do programa por promover tanto o aprimoramento do ensino de inglês no país quanto por contribuir no processo de formação inicial de professores de língua inglesa. Por fim, a partir dos resultados levantados com o questionário, serão apresentadas as propostas iniciais de uma pesquisa de mestrado para investigar quais as metodologias utilizadas pelos professores do NucLi da UFPR durante o curso intitulado “Melhorando sua Pronúncia”, bem como os princípios e abordagens que regem estas práticas, considerando um contexto de ILI.

Palavras-chave: Inglês sem Fronteiras; pronúncia; inteligibilidade; práticas pedagógicas.

16 Os efeitos de um treinamento de percepção na aquisição dos heterotônicos do espanhol por professores e estudantes brasileiros – Pollianna Milan (UFPR); Denise Cristina Kluge (UFPR)

Este é o tema de nossa tese de doutorado. Trata-se de uma pesquisa em construção, por isso ainda não apresentaremos resultados empíricos, pois estamos nos concentrando nas questões teóricas. Decidimos pesquisar um dos aspectos da língua espanhola que se constitui um desafio para os estudantes e professores brasileiros, os heterotônicos.

A maioria das palavras, em português e espanhol, possui a mesma localização da sílaba tônica, conservando a posição que herdaram da língua de origem. Porém, o grupo dos heterotônicos sofreu uma transposição do acento nas duas línguas, dificultando, assim, a aprendizagem destas palavras do espanhol por parte dos brasileiros. Vejamos o exemplo da palavra “democracia”. Apesar de manter o mesmo significado nas duas línguas, em português brasileiro ela é classificada como uma oxítone e, em espanhol, como uma paroxítone. Temos

também o contrário: a palavra “nível” que em português é paroxítona, em espanhol é uma oxítona. E assim por diante. A partir destes dois exemplos, percebemos que aprender heterotônicos é realmente um desafio aos aprendizes brasileiros, visto que não há uma regra específica para este tipo de acentuação, pois a mudança de tonicidade está mais relacionada com questões históricas do que com a gramática.

A intenção deste trabalho, então, é aplicar um treinamento perceptual a estudantes e professores de espanhol para observar se, após este treinamento, eles serão capazes de falar os heterotônicos do espanhol corretamente (se já não o fazem). Para isso, a pesquisa contará com no mínimo quatro etapas: i) teste de produção e percepção antes do treinamento para ver se os informantes produzem e/ou percebem os heterotônicos; ii) aplicação do treinamento; iii) teste de produção e/ou percepção depois de um mês do treinamento; iv) após um período de seis meses, regravação para confirmar (ou não) se a retenção (se houver) dos heterotônicos se manteve num espaço mais longo de tempo.

Palavras-chave: análise contrastiva; português e espanhol; heterotônicos; aquisição de língua estrangeira.

17 Percepção da qualidade de voz em bilíngues

A qualidade de voz resulta da modulação dos articuladores do trato vocal e da configuração laríngea, produzindo um efeito de longo-termo na produção e percepção da fala. Bilíngues podem alterar a qualidade de voz quando falam línguas diferentes, conforme apontam estudos na área. O presente trabalho apresenta resultados referentes à percepção da voz em português brasileiro (PB) e inglês (IN) por falantes bilíngues brasileiros. O objetivo principal foi verificar se ouvintes leigos percebiam possíveis diferenças de qualidade de voz nas emissões em PB e IN de um mesmo falante. Foi realizado um experimento que consistiu na tarefa de discriminação entre amostras de fala semiespontânea em PB e em IN de um mesmo falante por 14 ouvintes bilíngues inexperientes no julgamento de vozes. Ademais, os ouvintes descreveram as principais diferenças entre as vozes em PB e IN. Constatou-se que a maioria dos ouvintes leigos eram sensíveis às diferenças de qualidade de voz entre PB e IN realizadas pelos falantes bilíngues.

Palavras-chave: percepção; qualidade de voz; fala bilíngue.

18 Que inglês ensinamos? A visão de professores de uma escola de inglês em relação à dicotomia inglês como Língua Estrangeira x inglês como Língua Franca – Simone Cristina de Jesus (UTFPR); Andressa Brawerman Albini (UTFPR)

Embora o conceito de Inglês como língua global tornou-se senso comum no ensino de língua inglesa, alguns professores podem não ter consciência de como a sua perspectiva para com a língua pode influenciar suas atitudes pedagógicas. Considerando tal fato, o objetivo deste trabalho é investigar a visão dos professores de uma escola de Inglês de Curitiba a respeito da dicotomia Inglês como Língua Estrangeira (EFL) e Inglês como Língua Franca (ELF). Desta forma, durante este estudo, 10 professores responderam a um grupo de perguntas sobre conceitos elementares, como inteligibilidade, o papel do falante nativo e a importância do ensino de pronúncia, a fim de verificar sua conscientização sobre tais aspectos. Os dados coletados foram, principalmente, analisados com base nos trabalhos de Jenkins (2000, 2002, 2007); McKay (2002); Walker (2010). Os resultados apontam que os professores reconhecem o contexto ELF como uma realidade. No entanto, eles apresentam dificuldades para distinguir as implicações desse panorama na sua prática docente.

Palavras-chave: Ensino de língua inglesa; Inglês como Língua Estrangeira; Inglês como Língua Franca; Perspectiva do professor; Escola de inglês.

19 Uma discussão sobre a teoria de base fonológica e a perspectiva realista da percepção de sons em uma língua não nativa: reflexões a partir do PAM-L2 – Reiner Vinicius Perozzo (UFRGS/CAPES); Ubiratã Kickhöfel Alves (UFRGS/CNPq)

O Modelo de Assimilação Perceptual para a aprendizagem da fala em segunda língua (L2), conhecido como PAM-L2 (BEST; TYLER, 2007), se ocupa da predição e da explicação de padrões sonoros assimilatórios que potencialmente ocorrem quando um indivíduo percebe os sons da fala não nativa. Três são os pilares que sustentam o modelo quanto à percepção de sons em L2: (i) a adoção de um primitivo fônico gestual; (ii) a filiação a uma perspectiva realista direta; e (iii) a noção de ecologia da percepção. Nosso trabalho propõe debater os dois primeiros itens acima mencionados acerca do PAM-L2, no sentido de ponderar sobre as vantagens de se instaurar, em tal modelo de percepção, o tratamento teórico para o gesto articulatório conforme concebido por Albano (2001), além de assumir o realismo indireto,

conforme Jackson (1977, 2012), Lehar (2002) e McCreery (2006), para a percepção de sons linguísticos. Alinhados a Albano (2001), defendemos que o gesto articulatório se relaciona e coopera com outras unidades da gramática, como o morfema e o sintagma, bem como assumimos a posição de que o componente acústico do gesto articulatório é indispensável para a configuração gestual das pautas que representam os contrastes lexicais nas línguas. No que concerne ao realismo indireto, salientamos nossa postura teórica de que os objetos do mundo, incluindo os elementos que compõem os inventários fônicos não nativos, são percebidos indiretamente em função dos dados provenientes dos sentidos e em virtude da existência prévia do sistema fônico da língua materna, o qual exerce grande papel na categorização dos sons linguísticos. Ao tocar nesses dois pontos fundamentais do PAM-L2, pretendemos levar mais consistência teórica ao modelo, de maneira que tanto a sua esfera fonológica como a sua esfera filosófica estejam coadunadas.

Palavras-chave: gesto articulatório; percepção de sons linguísticos não nativos; realismo perceptual.

20 Verbos regulares do inglês no passado produzidos por falantes nativos e não-nativos – Fernanda Delatorre (UFSC); Rosane Silveira (UFSC)

Este estudo investigou a produção dos verbos regulares do inglês, terminados pelo morfema –ed, por falantes nativos e não-nativos deste idioma. Os participantes deste estudo foram dois falantes nativos do inglês, uma australiana e um americano, e seis não-nativos, sendo dois brasileiros, uma argentina e um espanhol e dois alemães. Todos os falantes gravaram uma sequência de 96 sentenças contendo um verbo cada uma. A produção envolveu 72 verbos regulares, 24 para cada um dos três alomorfes do -ed e 24 verbos irregulares (distratores). Cada sentença foi apresentada num slide de fundo branco e estava escrita em fonte preta, tamanho 54. Os participantes gravaram as sentenças na cabine acústica do FONAPLI/UFSC. Antes da gravação, os participantes receberam instrução sobre a coleta e assinaram o termo de consentimento e após a gravação responderam a um questionário. A análise dos dados foi feita com o auxílio do software PRAAT. Somente os verbos regulares foram considerados na análise. Os resultados indicaram que, de maneira geral, a produção correta dos verbos foi elevada (74,47%). Porém os resultados também demonstraram que, além da epêntese vocálica (6,07%), os participantes também produziram verbos no infinitivo

(10,41%) ou alteraram sua pronúncia desvozeando o contexto que antecede ao -ed ou substituindo-os por outra palavra (9,02%) como estratégias para lidar com a pronúncia de verbos que tiveram dificuldades. Os resultados também demonstraram que falantes de línguas latinas como L1 tendem a usar epêntese vocálica para lidar com a pronúncia dos verbos que têm dificuldade, enquanto que falantes de alemão como L1 não usam epêntese vocálica mas fazem o desvozeamento de alguns contextos, como /g/ e /v/. Além disso, os resultados demonstraram que tantos falantes nativos quanto não-nativos produzem verbos no infinitivo. Dentre os grupos de participantes, os falantes de espanhol tiveram os resultados mais diversos, indicando a possível influência do nível de proficiência.

Palavras-chave: verbos regulares; morfema -ed; produção; inglês como L1 e L2; nível de proficiência.